

ENCONTRO DE MULHERES – COMPARTILHANDO SONORIDADES E HISTÓRIAS DE VIDA

Sheila Beggiano
UNESPAR
UFPR
PUC-PR
sheilabeggiano@gmail.com

Este relato de experiência está vinculado a um projeto de pesquisa e extensão desenvolvido pela autora na Universidade Estadual do Paraná, que se intitula “Encontros de musicoterapia e a construção de sentidos de mulheres que sofreram violência”. A violência, produto dos seres humanos, são comportamentos e atitudes que, sempre estiveram presentes no cotidiano de todas as civilizações. A violência é um fenômeno complexo e que deve ser tratado como tal. O sentido é um processo atravessado pela afetividade, no qual se criam “significações individuais, a partir de experiências singulares, porém produzidas e transformadas em diferentes contextos sociais” (Arndt, 2015, p.72). É possível pensar uma perspectiva de Musicoterapia que não focaliza o binômio saúde/doença, mas que evidencia outras dimensões do existir (Cunha, 2016, p. 109) e que privilegia as ações e fazeres musicais em grupo e em espaços para além dos tradicionais. Assim, esse trabalho adota uma perspectiva fundada na Musicoterapia Social Comunitária (MTSoCom) (Cunha, 2016; Arndt, 2021; Cunha; Arndt, Beggiano, 2021), apostando na música, em encontros compartilhados, para processos de alargamento das possibilidades de ser, pensar e agir das participantes (Arndt, 2021; Beggiano, 2023) e na forma como as pessoas experimentam e expressam a vida, apesar de, e com suas condições existenciais pessoais, sociais e culturais (Cunha; Arndt, Beggiano, 2021). O que se apresenta aqui são reflexões provenientes de uma fazer musicoterapêutico coletivo, de mulheres que se encontram para tocar, cantar, relatar experiências e narrar suas histórias e assim, produzir a si mesmas, biografando-se (Arndt; Cunha; Volpi, 2016; Freire, 2020), dando atenção a sua saúde mental e assim, podendo existir-se (Freire, 2020). Objetiva-se compreender os sentidos produzidos, nos Encontros de Musicoterapia, por mulheres que sofreram violência. A pesquisa é de natureza qualitativa e de cunho exploratório, desenvolvida por meio de Encontros de Musicoterapia semanais, sendo

as participantes mulheres com 18 anos ou mais e que sofreram violência. Participaram dos encontros 4 mulheres, desde o mês de novembro de 2023 até os dias atuais. Os encontros têm duração de 1h e 30 minutos, e são exploradas as diferentes técnicas da Musicoterapia, incluindo a improvisação, recriação, composição. A proposta de recorte e colagem de canções também foi trabalhada. As informações foram extraídas dos encontros, dos relatórios e do diário de campo. A análise dos dados tem como referencial os núcleos de significação de Aguiar e Ozella (2006, 2013) e a análise musicoterápica de Barcellos (1999; 2004; 2016). Um dos grandes desafios no trabalho com mulheres que sofreram violência é conseguir que este público chegue até os encontros de Musicoterapia. Essa dificuldade é relatada por outros profissionais e autores, por motivos variados, como vergonha, não admissão em reconhecer que sofre violência, entre outros. Por esse motivo, a adesão e participação ainda se encontra relativamente pequena, mas constante. Mesmo com poucas participantes os resultados mostraram-se positivo pelas observações e relatos das mesmas, que indicam um outro olhar para si mesmas, com possibilidades de reescrever uma nova história, um olhar mais generoso e com menos culpabilidade, com expressões musicais criativas e potentes para a produção de subjetividades. A possibilidade de criar sentidos outros para suas experiências fica evidenciada nas narrativas, nas canções, nos momentos em que a música potencializa a expressão e a compreensão sobre elas próprias, nas suas dores e sofrimentos e em momentos que essas dores não são somente únicas, individualizadas, mas sim, a de um coletivo de mulheres. A Musicoterapia, com seus campos teórico e prático, tem se mostrado potente na mediação para produção de sentidos e na criação de outros modos possíveis de existir para mulheres que sofreram violências. Nos encontros, o fazer musical compartilhado tem contribuído para que elas criem modos outros de ser, pensar, sentir e agir, colocando-as diante de si e dos outros de maneira mais apropriada, compreendendo seus sentimentos e emoções e validando suas falas e narrativas de vida. Poucos são os trabalhos, no Brasil, com essa parcela da população, assim, acredita-se que este trabalho contribua para a construção de um pensar a prática da Musicoterapia com mulheres que sofreram violência e a potência que o fazer musical em um coletivo de mulheres no contexto musicoterapêutico possui.

Palavras-chaves: musicoterapia; mulheres; saúde mental.

REFERÊNCIAS

ARNDT, Andressa D. **“Mas, nós vamos compor?”**: roda de música como experiência coletiva em um CRAS da região metropolitana de Curitiba. 196 f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ARNDT, Andressa Dias; MAHEIRIE, Katia. Musicoterapia social e comunitária e processos de subjetivação política. **Psicologia & Sociedade**, v. 33, p. e235846, 2021.

BARCELLOS, Lia Rejane M. **Música e metáfora em musicoterapia**. (Tese Doutorado) Programa de Pós- Graduação em Música do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, 2009.

BEGGIATO, Sheila. **Roupa nova em brinquedo velho**: Encontros de Musicoterapia e os sentidos produzidos por estudantes universitárias que sofreram violência. 2023. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná.

CUNHA, Rosemyriam. Musicoterapia Social e Comunitária: uma organização crítica de conceitos. **Brazilian Journal of Music Therapy**, 2016.

CUNHA, Rosemyriam; ARNDT, Andressa Dias; BEGGIATO, Sheila. Musicoterapia Social e Comunitária. In GATTINO, Gustavo. **Perspectivas práticas e teóricas da musicoterapia no Brasil**. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.